

# TRANSMITINDO BENS QUE NÃO TÊM EXISTÊNCIA FÍSICA: PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA LINGUÍSTICA

**Henrique Monteagudo**

Doutor em Linguística pela Universidad de Santiago de Compostela / Espanha

*Entrevistado por:*

**Jefferson Evaristo do Nascimento Silva-Alves**

Doutorando em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
Doutorando em Letras Neolatinas – Língua Italiana – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
jeffersonpn@yahoo.com.br

**Márcia da Gama Silva Felipe**

Doutoranda em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
prof.marciadagama@gmail.com

Na edição 28, o convidado estrangeiro para nossa discussão sobre patrimônio cultural e memória linguística foi o professor Henrique Monteagudo [Xose Henrique Monteagudo Romero].

Nosso entrevistado é um dos mais destacados sociolinguistas da atualidade, bastante conhecido no Brasil. Catedrático de Filologia Galega e Portuguesa da Universidade de Santiago de Compostela, investigador do Instituto da Língua Galega e colaborador do Centro de Linguística Geral e Aplicada da Universidade de Coimbra. Foi professor convidado, entre outras, nas universidades de New York (CUNY), Lisboa (UL), Buenos Aires (UBA), California (UC-Santa Barbara) e São Paulo (USP). Foi secretário do Conselho da Cultura Galega (1999-2010) e, desde 2013, é secretário da Real Academia Galega.

Por suas experiências de vida e de trabalho, sempre esteve imerso em diferentes culturas, línguas e locais. Militante da língua galega e do reconhecimento da Galícia, fez questão de ter sua entrevista traduzida em galego<sup>1</sup>. Nela, contou-nos um pouco da sua relação com os temas de nosso dossiê.

---

<sup>1</sup> A tradução das respostas desta entrevista para o galego foi feita pelo próprio entrevistado.



## PALIMPSESTO

**1) De que maneira os conceitos de "patrimônio cultural" e "memória linguística" estão ou poderiam estar interligados?**

## HENRIQUE MOTEAGUDO

A própria língua é um riquíssimo patrimônio cultural, como construção coletiva de um povo e como repositório da sua memória plural. Cada língua contém um tesouro de experiências, de vivências e de criações individuais e coletivas, que faz parte integral da cultura dos povos. Cada indivíduo recebe desde a sua infância, através da língua, um conjunto de conhecimentos que foram elaborados socialmente e que faz seus mesmo sem se aperceber disso.

### Galego

A propia lingua é un riquísimo patrimonio cultural, como construción colectiva dun pobo e como repositorio da súa memoria plural. Cada lingua contén un tesouro de

experiencias, de vivencias e de creacións individuais e colectivas, que forma parte integral da cultura dos pobos. Cada individuo recibe desde a súa infancia, a través da lingua, un conxunto de coñecementos que foron elaborados socialmente e que fai seus mesmo sen se decatarse diso.

## PALIMPSESTO

**2) O patrimonio cultural de cada pessoa, grupo ou sociedade é un elemento distintivo e identitario propio? Podería explicar?**

## HENRIQUE MOTEAGUDO

Cada individuo constrói a súa identidade persoal tomando traços dos grupos sociais con que desexa identificar-se, en función dos seus desexos, aspiracións e obxectivos – que poden mudar ao longo do tempo e en diferentes contextos- mas sempre dentro do contexto das opcións que a sociedade lle ofrece e que é capaz de aproveitar.

### Galego

Cada individuo constrúe a súa identidade persoal tomando trazos dos grupos sociais con que desexa identificarse, en función dos seus desexos, aspiracións e obxectivos – que poden mudar ao longo do tempo e en distintos contextos- mais sempre dentro do abano de opcións que a sociedade lle ofrece e que é capaz de aproveitar.

## PALIMPSESTO

**3) Patrimonio cultural, memoria e lingua poden ser tidos como un bem imaterial? Em que sentido?**

## HENRIQUE MOTEAGUDO

O patrimônio cultural imaterial está constituído por bens que não têm existência física, cuja existência depende, por tanto, da sua transmissão através da cultura, da memória e da própria língua. Por sinal, em Galícia a consideramos – mesmo por lei – que a toponímia (os nomes tradicionais dos lugares) é um bem cultural imaterial que deve ser protegido. Galícia é uma região riquíssima em topónimos – ela só tem mais do 40% dos nomes de entidades habitadas de toda a Espanha, isto é, 42.000 topónimos – em que é possível reconhecer sucessivas camadas de povoamento desde os tempos pré-históricos. Eis uma riqueza de grande valor para os estudos históricos, arqueológicos, ecológicos, etc.

### Galego

O patrimonio cultural inmaterial está constituído por bens que non teñen existencia física, cuxa existencia depende, por tanto, da súa transmisión a través da cultura, da memoria e da propia lingua. Por sinal, en Galicia consideramos – mesmo por lei – que a toponímia (os nomes tradicionais dos lugares) é un ben cultural inmaterial que debe ser protexido. Galicia é unha rexión riquísima en topónimos – ela só ten máis do 40% dos nomes de entidades habitadas de toda a España, isto é, 42.000 topónimos, a pesar menos do 10% do territorio español – en que é posíbel recoñecer sucesivas capas de poboamento desde os tempos pre-históricos. Velaí unha información de gran valor para os estudos históricos, arqueolóxicos, ecolóxicos, etc.

## PALIMPSESTO

4) Seu contexto de trabalho com o Galego faz com que suas discussões sejam tanto linguísticas como afetivas e políticas. Qual a posição do Galego dentro de nossa discussão?

## HENRIQUE MOTEAGUDO

As comunidades que sofrem a experiência histórica de marginalização da sua língua, de subordinação da sua cultura e de desprezo da sua identidade coletiva – o que acostuma fazer parte da desapropriação do controle sobre os seus recursos e da sua capacidade de autogoverno – sentem com especial intensidade o significado e o valor da língua, da cultura e da identidade próprias, porque têm de lutar constantemente, sem vagar, para não perdê-las, ou, melhor, para que não serem despossuídas delas. É o caso do galego.

### Galego

As comunidades que sofren a experiencia histórica de marxinação da súa lingua, de subordinación da súa cultura e de desprezo da súa identidade colectiva – o que adoita formar parte da desapropiación do control sobre os seus recursos e da súa capacidade de autogoverno – senten con especial intensidade o significado e o valor da lingua, da cultura e da identidade propias, porque teñen que loitar constantemente, sen vagar, para non perdela, ou, mellor, para que non seren desposuídas delas. É o caso do galego.

## PALIMPSESTO

**5) Patrimônio cultural, memória linguística, Galego e o Português: quais caminhos (se) atravessam?**

## HENRIQUE MOTEAGUDO

O Galego falado hoje é descendente direto do romance nascido na velha Gallaecia, que ocupava o território atual da Galiza e o terço setentrional do Portugal atual. Por tanto, o Galego faz parte integral da história da língua Portuguesa. O amigo e colega, professor Marcos Bagno, diz que o Português não vem (diretamente) do Latim, mas do Galego, entendendo por «Galego» o velho romance da Gallaecia, da que faziam parte

tanto os territórios a Norte do Minho quanto os territórios a Sul até o Douro ou mesmo até o Vouga. No século XIX, os filólogos que começaram a escrever a história da língua portuguesa, inventaram a denominação Galego-português para se referirem a aquel período primitivo da língua que chegou até 1350-1400 aproximadamente. Nos últimos tempos, está-se mesmo a esquecer essa memória da origem, e escrevem-se livros que levam no título denominações tipo «Português arcaico». O que é o “Português arcaico”? Tal coisa nunca existiu. Inclusivamente, no Museu da Língua Portuguesa de São Paulo, esplêndido e infelizmente desaparecido, se falava da origem do Português no “Condado Portucalense”... Isso é confundir a história da língua com a história política, que são coisas diferentes, como também não se pode confundir os limites geográficos de um idioma com as fronteiras políticas dos estados.

### Galego

O Galego falado hoxe é descendente directo do romance nacido na vella Gallaecia, que ocupaba o territorio actual da Galicia e o terzo setentrional do Portugal actual. Por tanto, o galego forma parte integral da historia da lingua portuguesa. O amigo e compañeiro, profesor Marcos Bagno, di que o Portugués non vén (directamente) do Latín, mais do Galego, entendendo por «Galego» o vello romance da Gallaecia, rexión da que formaban parte tanto os territorios a Norte do Miño canto os territorios a Sur ata o Douro ou mesmo ata o Vouga. No século XIX, os filólogos que comezaron a escribir a historia da lingua portuguesa inventaron a denominación galego-portugués para se referiren a aquel período primitivo da lingua que chegou ata 1350-1400 aproximadamente. Nos últimos tempos, estase mesmo a esquecer esa memoria da orixe, e escríbense libros que levan no título denominacións tipo «Portugués arcaico». O que é o “Portugués arcaico”? Tal cousa nunca existiu. Incluso, no Museo da Lingua Portuguesa de São Paulo, esplêndido e infelizmente desaparecido, se falaba da orixe do Portugués no “Condado Portucalense”... Iso é confundir a historia da lingua coa historia política, que son terreos distintos, como tampouco se poden confundir os límites xeográficos dos idiomas coas fronteiras políticas dos estados.

## PALIMPSESTO

**6) Em 2019, o senhor estará no Brasil participando do “I Seminário Internacional Galego e Português: o passado presente”. Em Galícia, também, ganha força o movimento reintegracionista, que busca reaproximar o galego do português. Como o senhor enxerga a questão?**

## HENRIQUE MOTEAGUDO

Em Galícia conhece-se e reconhece-se a comunidade de origem do Galego e o Português desde o século XIX. A partir do momento em que se iniciou o cultivo literário do Galego e a reivindicação do seu uso como língua culta, o estreito parentesco com o Português serviu de apoio para defendê-lo. Ninguém hoje em Galícia põe em questão – ao menos, publicamente – a conveniência de estreitar laços humanos, culturais, econômicos e de todo tipo com os países de língua oficial portuguesa, e muito especialmente com o nosso vizinho Portugal e o nosso admirado Brasil. Ora, o “reintegracionismo”, estritamente falando, o que propõe é a adoção do Português – não sabemos bem qual variedade do Português, europeia ou brasileira- como modalidade escrita e culta do Galego. Esta é uma proposta polémica, desde que o Galego veio cultivando-se como língua culta e escrita independente, tomando muitos empréstimos do Português (sobretudo léxicos), mas com uma ortografia própria, em parte continuadora da tradição antiga, em parte influída pelo Castelhana.

Eu defendo um Galego autônomo, que tire todo o proveito possível do Português para a sua modernização e atualização – por sinal, no caso dos neologismos e no campo das linguagens de especialidade –, e ao tempo defendo que se faça geral o ensino do Português na Educação Secundária, de maneira que os galegos possam tirar todo o

proveito possível da proximidade linguística entre o seu idioma e um idioma internacional como o Português. Todos os galegos e galegas deveriam saber Português a um nível no mínimo elementar – o qual para nós é facílimo – e deviam ter ao seu alcance produtos culturais de todo tipo –escrito, audiovisual, especializado... – em língua portuguesa. Para tanto, a chave está nos mútuos conhecimento e reconhecimento. Quanto mais nos conhecemos – falantes de Galego e as distintas variedades do Português – e mais nos reconhecemos nas identidades próprias e nos traços compartilhados, mais nos apercebemos de que a viagem de uma a outra das nossas culturas é uma viagem ao mesmo tempo para fora e para dentro, na medida em que conhecermo-nos melhor os uns aos outros significa também conhecermo-nos melhor a nós próprios. Quanto mais sei das culturas portuguesa e brasileira (ou angolana), mais sei também da cultura galega, e tenho a absoluta certeza de que acontece igual na inversa.

### Galego

En Galicia coñécese e recoñécese a comunidade de orixe do galego e o portugués desde o século XIX. A partir do momento en que se iniciou o cultivo literario do galego e a reivindicación do seu uso como lingua culta, o estreito parentesco co Portugués serviu de esteo para defendelo. Ninguén hoxe en Galicia pon en cuestión – polo menos, publicamente – a conveniencia de estreitar lazos humanos, culturais, económicos e de todo tipo cos países de lingua oficial portuguesa, e moi especialmente co noso veciño Portugal e o noso admirado Brasil. Ora, o “reintegracionismo”, estritamente falando, o que propón é a adopción do Portugués – non se sabe ben cal variedade do Portugués, europea ou brasileira- como modalidade escrita e culta do Galego. Esta é unha proposta polémica, desde que o Galego veu cultivando-se como lingua culta e escrita independente, tomando moitos préstamos do portugués (sobre todo léxicos), mais cunha ortografía propia, en parte continuadora da tradición antiga, en parte influída polo castelán.

Eu propugno un Galego autónomo, que tire todo o proveito posíbel do portugués para a súa modernización e actualización – por sinal, no caso dos neoloxismos e no campo das linguaxes de especialidade –, e ao tempo defendo que se faga xeral o ensino do portugués na Educación Secundaria, de maneira que os galegos poidan tirar todo o proveito posíbel da proximidade linguística entre o seu idioma e un idioma internacional



como o portugués. Todos os galegos e galegas deberían saber portugués a un nivel como mínimo elemental – o cal é moi doado para nós – e debían ter ao seu alcance produtos culturais de todo tipo (escritos, audiovisuais, profesionais, especializados...) en lingua portuguesa. Para tanto, a chave está no coñecemento e re-coñecemento mutuo. Canto máis nos coñecemos – falantes de galego e as distinguidas variedades do portugués – e máis nos recoñecemos nas identidades propias e nos trazos compartidos, máis nos decatamos de que a viaxe dunha a outra das nosas culturas é unha viaxe ao mesmo tempo para fóra e para dentro. Coñecérmonos mellor os uns aos outros significa tamén coñecérmonos mellor a nós propios. Canto máis sei das culturas portuguesa e brasileira (ou angolana...), máis sei tamén da cultura galega, e teño a absoluta certeza de que acontece igual na inversa.

## PALIMPSESTO

**7) Suas experiências pessoais e profissionais fizeram com que o senhor circulasse em diferentes países e culturas. A preocupação com um patrimônio linguístico-cultural e uma memória linguística é recorrente entre os povos? Qual futuro o senhor enxerga para o (possível) desenvolvimento das pesquisas e ações de preservação da memória, da cultura e do patrimônio linguístico-cultural dos povos? E no caso galego?**

## HENRIQUE MOTEAGUDO

Infelizmente, estamos entrando em uma etapa da civilização só preocupada com o benefício econômico e a exploração dos recursos, que ameaça com mergulhar-nos na barbárie da incultura e a desmemória. A tendência atual, se não se produz uma séria retificação, leva ao desastre cultural, ecológico e humano. A fórmula em que está degenerando a globalização significa ultra-liberalismo para as elites privilegiadas, sempre acumulando mais e mais poder e riqueza, e nacionalismo reacionário, autoritário e populista para o resto da sociedade, cada vez mais empobrecida. Em essa fórmula não cabe o pluralismo e a diversidade, que fazem possível compatibilizar a convivência e o

mantimento das culturas com a liberdade e a criatividade dos indivíduos. Ora, em todo o planeta tem pessoas e instituições lutando ativamente contra esta tendência degenerativa, cujas primeiras vítimas estão sendo os povos mais desprotegidos, as culturas mais frágeis, as línguas mais vulneráveis, mas que acabará arrasando a nossa civilização no eu conjunto. No caso galego, a luta por manter a língua, a cultura e a identidade própria confronta com o ressurgimento de um nacionalismo espanhol uniformizador, dominante e agressivo.

### Galego

Infelizmente, estamos entrando nunha etapa da civilización só preocupada co beneficio económico (moi desigualmente repartido) e a explotación dos recursos, que ameaza con mergullarnos na barbarie da incultura e a desmemoria. A tendencia actual, se non se produce unha seria rectificación, leva ao desastre cultural, ecolóxico e humano. A fórmula en que está dexenerando a globalización significa ultra-liberalismo para as elites privilexiadas, sempre acumulando máis e máis poder e riqueza, e nacionalismo reaccionario, autoritario, populista e escurantista para o resto da sociedade, cada vez máis empobrecida. Nesa fórmula non caben o pluralismo e a diversidade, que fan posíbel compatibilizar a convivencia entre os individuos e pobos diferentes e o mantemento das distintas culturas coa liberdade e a criatividade dos individuos. Ora, en todo o planeta hai persoas, colectivos e institucións loitando activamente contra esta tendencia dexenerativa, cuxas primeiras vítimas están sendo os pobos máis desprotexidos, as culturas máis fráxiles, as linguas máis vulnerábeis, mais que acabará arrasando a civilización no eu conxunto. No caso galego, a loita por manter a lingua, a cultura e a identidade propia confronta co resurximento dun nacionalismo español uniformizador, dominante e agresivo.

## PALIMPSESTO

**8) Muitas de suas pesquisas são sobre sociolinguística, filologia, gramática, glotopolítica e história social da língua (galega). Essa seriam pesquisas que envolveriam um patrimônio cultural e uma memória linguística? De que forma? Poderia deixar algumas**

últimas palavras para os leitores, especialmente aqueles que porventura não sejam familiarizados com os conceitos discutidos?

## HENRIQUE MOTEAGUDO

Nas minhas pesquisas, todos os aspetos mencionados na pergunta são, em substância, diferentes perspectivas sobre o mesmo assunto, isto é, os complexos relacionamentos entre as línguas e as sociedades, contemplados não como fenômenos estáticos, mas como complexos conjuntos de processos dinâmicos. Não entendo a cultura, a língua e a identidade como objetos dados, fixos e estáveis, mas como entidades vivas em constante movimento. As línguas e as culturas mudam porque as sociedades não deixam de se transformar, e isto acontece porque os indivíduos não somos meros receptores de um patrimônio previamente constituído – uma herança imutável – mas, pelo contrário, somos agentes ativos que participamos nos processos de adaptação e recriação da nossa herança cultural.

As pessoas que falamos línguas que não estão “cristalizadas”, codificadas e normalizadas, talvez somos mais conscientes de até que ponto cada indivíduo acomoda às suas necessidades, objetivos e desejos os recursos linguísticos que tem ao seu dispor. Tentei explicar-me de jeito claro e com termos compreensíveis. Espero tê-lo conseguido.

### Galego

Nas miñas pescudas todos as aboradaxes mencionados na pregunta son, en substancia, distintas olladas, perspectivas diversas e complementarias, sobre o mesmo asunto, isto é, os complexos relacionamentos entre as línguas e as sociedades, contempladas non como fenómenos estáticos, mais como conxuntos complexos de procesos dinámicos. Non entendo a cultura, a lingua e a identidade como instancias dadas, fixas e estábeis como tampouco non o son o patrimonio nin a memoria –, mais

como entidades vivas en constante movemento. As linguas e as culturas mudan porque as sociedades non deixan de se transformar, e isto acontece porque os individuos non somos meros receptores dun patrimonio previamente constituído – unha herdanza inmutábel – mais, polo contrario, somos axentes activos que participamos nos procesos de adaptación e recreación da nosa herdanza cultural.

As persoas e comunidades que falamos linguas que non están “cristalizadas”, codificadas e normalizadas, que nos desenvolvemos decote en espazos plurilingües, que nos movemos constantemente nos espazos de transición con fronteiras difusas, talvez somos máis conscientes de até que punto cada individuo acomoda ás súas necesidades, obxectivos e desexos os recursos lingüísticos e culturais que ten ao seu dispor. Tentei explicarme de xeito claro e con termos comprensíbeis. Espero telo conseguido.

## PALIMPSESTO

**9) Agradecemos a sua disponibilidade e valiosas respostas. Certamente o público da revista Palimpsesto poderá haurir de suas respostas frutos valiosos para suas reflexões, pesquisas e discussões.**

## HENRIQUE MOTEAGUDO

O prazer é todo meu.

Galego

O pracer é todo meu.